

O *bildungsroman* feminino na Literatura Vitoriana: uma análise entre Jane Eyre, de Charlotte Brontë e *The Mill on the Floss* de George Eliot

Edith Estelle Blanche Owono Elono*

Walter Vieira Barros**

Suênio Stevenson Tomaz da Silva***

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise comparatista evidenciando o crescimento das protagonistas Jane Eyre e Maggie Tulliver nos romances *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë e *The Mill on the Floss* (1860), de George Eliot, respectivamente. Para tanto, utilizamos o conceito alemão *Bildungsroman* (GOHLMAN 1990, apud SVENSSON, 2009), romance de formação, que narra a maturação psicológica e espiritual de protagonistas, através de mudanças e experiências que as acompanham da infância à idade adulta. Além disso, em nossa fundamentação teórica também nos referimos a Gilbert e Gubar (2000) e Showalter (1999) no que concerne à produção das escritoras em questão, principais representantes da literatura de autoria feminina vitoriana. Com a análise, percebemos que, embora ambas as protagonistas, desde a infância à idade adulta, se deparam com situações difíceis (que proporcionam crescimento e amadurecimento) elas procuram a felicidade mesmo que os meios pelos quais a procuravam significasse uma subversão ao patriarcalismo da época.

Palavras-chave: *Bildungsroman* feminino; Literatura Vitoriana; Literatura Comparada.

THE FEMALE BILDUNGSROMAN IN THE VICTORIAN LITERATURE: A COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN *JANE EYRE* BY CHARLOTTE BRONTE AND *THE MILL ON THE FLOSS* BY GEORGE ELIOT

Abstract: This study aims at presenting a comparative analysis, highlighting the growth of Jane Eyre and Maggie Tulliver, two protagonists in the novels *Jane Eyre* (1847) by Charlotte Brontë and *The Mill on the Floss* (1860) by George Eliot, respectively. For that, the German forming novel concept called the *Bildungsroman* (GOHLMAN 1990, cited SVENSSON 2009), which is about the psychological and spiritual maturation of the protagonists through changes and experiences that accompany them from childhood to adulthood is used. Moreover, for the theoretical foundation, Gilbert and Gubar (2000) and Showalter (1999) concerning the production of the writers in question and the main representatives of the Victorian female authors of literature were considered. Through the analysis, it was realized that although both protagonists face difficult situations (that provide growth and maturation), from childhood to adulthood, they seek happiness even if the means they used were considered a subversion to patriarchy society of that time.

Keywords: female *Bildungsroman*; Victorian literature; Comparative literature.

1 Introdução

*Graduanda em Letras – Língua Inglesa, Unidade Acadêmica de Letras, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: stephyowono@yahoo.com

**Graduando em Letras – Língua Inglesa, Unidade Acadêmica de Letras, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: waltervieirabarros@gmail.com

*** Professor Assistente de Língua e Literatura Inglesa, Unidade Acadêmica de Letras, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: sueniostevenson@hotmail.com

As desigualdades social e sexual existem há muito tempo na história da humanidade. O período vitoriano, no século XIX, parece evidenciar claramente o apogeu dessas desigualdades. O papel da mulher, por exemplo, durante aquele século, estava atrelado à submissão e às responsabilidades domésticas impostas pelos valores patriarcais. Em outras palavras, as mulheres viviam cercadas por barreiras que as limitavam em vários aspectos, inclusive, na expressão da arte literária. Havia uma necessidade de mudança desse panorama e muitas mulheres invadiram o mundo da literatura, mundo este dominado pelo masculino (BRANTLINGER, 2002).

O século XIX foi bastante frutífero para produção literária, sobretudo, com o surgimento de uma vasta literatura produzida por mulheres dentro do contexto inglês. As escritoras queriam expressar suas opiniões e críticas evidenciadas em vários gêneros literários, em especial, o romance. Alguns desses romances como *Jane Eyre* (1847) e *The Mill on the Floss* (1860) de Charlotte Brontë e George Eliot, respectivamente, tecem críticas ferrenhas no tocante à condição feminina dentro do contexto vitoriano, além de apresentarem o crescimento e as experiências de protagonistas femininas em uma sociedade extremamente conservadora (MAYNARD, 2002).

Diante do exposto, tomamos como referência a discussão de Maynard (2002) quando argumenta que nesses dois romances, aqui analisados comparativamente, é perceptível um conflito entre a natureza de uma menina (que ao longo da narrativa, torna-se uma mulher) e a cultura de um período dominado pelo preconceito. Nesse sentido, essas obras suscitam uma reflexão sobre as relações de gênero daquela época através das experiências de duas meninas inteligentes que traçam seus destinos no contexto da Inglaterra vitoriana.

Portanto, este trabalho objetiva apresentar uma breve análise comparatista, evidenciando o crescimento das protagonistas Jane Eyre e Maggie Tulliver nas obras *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë e *The Mill on the Floss* (1860), de George Eliot, destacando as semelhanças e divergências existentes entre elas.

2 Algumas considerações sobre a era vitoriana

A era vitoriana foi um período caracterizado por grandes contradições, tais como: reformas políticas e injustiças sociais, progresso tecnológico e dúvidas religiosas, revoluções filosóficas e conservadorismo. Nessa linha de pensamento, citamos a seção intitulada

Victorian Issues em *The Norton Anthology of English Literature* (1993) que apresenta quatro tópicos controversos que preocupavam os vitorianos, a saber: a) industrialismo, b) a teoria da evolução de Charles Darwin, c) imperialismo britânico e d) *The Woman Question* (A Questão da Mulher).

Todos esses assuntos informavam a literatura vitoriana. Merece destaque, portanto, o último, uma vez que a discussão deste artigo toca na condição feminina do período vitoriano, marcado por preconceitos rígidos e proibições de vários tipos. As mulheres daquela época eram obrigadas a ficar em casa, cuidando dos filhos, não podendo sequer cogitar a possibilidade de ter uma profissão além dos limites do espaço doméstico. Em contrapartida, os homens eram mais livres porque tinham a possibilidade de estudar nas escolas, enquanto a educação feminina estava pautada aos afazeres de casa, onde elas aprendiam a tocar piano, a dançar, a ler e a escrever com as governantas. Elas deveriam ser bonitas fisicamente, doces, elegantes, submissas e com um comportamento respeitável, verdadeiros “anjos do lar”. As que não se encaixavam no padrão ideal vitoriano de mulher, eram consideradas subversivas ou até mesmo, *fallen women* (SHOWALTER, 1999).

Kolle (2011) acrescenta que as mulheres dessa época além de não receber uma educação de qualidade, eram vistas como inferiores aos homens e sem direito legal. Elas não podiam ter propriedade particular, pois, pertenciam aos pais e depois aos maridos e nem mesmo os filhos eram considerados como sendo delas. Ademais, o casamento era a única saída para conseguir a estabilidade econômica, sendo este o objetivo de várias mulheres.

Além disso, segundo Showalter (1999), durante a era vitoriana havia fortes mudanças econômicas principalmente com o surgimento da revolução industrial. A classe média reivindicava por mais direitos políticos, econômicos e sociais. As fábricas passaram a explorar uma mão de obra a mais, pois a demanda tornou-se maior que a oferta. Por essa razão, as mulheres além de trabalharem em suas casas, como esposas perfeitas, ainda trabalhavam nas fábricas, porém, ganhando bem menos que os homens. Os salários das mulheres não aumentavam porque no contexto vitoriano a mulher estava intrinsecamente ligada aos trabalhos domésticos, além de estar em uma posição subalterna, inferior ao do homem.

Em outras palavras, como argumenta Digby (1992, p. 197), na era vitoriana a sociedade era entendida como dividida entre ‘esfera pública’ e ‘esfera privada’ em que a primeira se refere ao “domínio masculino preocupado com o trabalho pago e as políticas

nacionais” enquanto a segunda se refere ao domínio que compreende a casa e a família, e destinado a mulher. Essa divisão dicotômica da sociedade em esferas pública e privada demonstra bem a construção social de gêneros em uma sociedade patriarcal, em que o domínio ou esfera destinada a mulher é inferior que a destinada ao homem.

De acordo com Merizig (2013), o período vitoriano acumulou mudanças negativas e positivas. É necessário notar, também, que as mulheres fizeram parte da transformação dessa época marcante da história da Inglaterra. As mulheres da classe média aproveitaram do seu poder sobre os afazeres domésticos para ‘ganhar’ o mundo social. Elas organizavam visitas às famílias pobres ou faziam doações a outras mulheres ainda de classe baixa para ensiná-las como fazer higiene pessoal. Como uma estratégia para manter as mulheres fora de casa e para subverter a opressão masculina, algumas faziam o papel de empregadas nas casas dos seus familiares ou trabalhavam como governanta.

Vale ressaltar que durante a era vitoriana, em que o papel da mulher era atrelado ao ambiente doméstico e sempre submisso ao homem, a rainha desse período era uma mulher – Rainha Vitória (1837 – 1901). Como vemos, a condição feminina nesse contexto trouxe à tona uma grande contradição, se levarmos em conta que a monarca do período era uma mulher, o que reforçava ainda mais os valores patriarcais. Diante dessa questão, várias escritoras e também escritores, produziram narrativas ficcionais com protagonistas femininas, ora para retratar tal realidade, ora para criticá-la.

3 Breves considerações acerca da literatura de autoria feminina vitoriana

Como já fora mencionado, o século XIX foi um período em que a sociedade, extremamente patriarcal, baseava-se nas desigualdades impostas, sobretudo, pelas relações de gênero que só começou a mudar com a chegada da revolução industrial, que trouxe uma mudança radical no campo político, social e econômico. Essa mudança despertou nas mulheres, que já não suportavam mais serem tratadas como objetos, uma consciência crítica de sua posição social. Assim, algumas mulheres começaram a escrever romances nos quais elas expressavam seus anseios dentro do contexto em que estavam inseridas (KOLLE, 2011).

Ainda segundo a autora supracitada, as mulheres tinham como objetivo principal influenciar os leitores através de suas obras, afim de que mudanças desses paradigmas ocorressem. Os textos literários das irmãs Brontë e de George Eliot, por exemplo, constituem

uma produção literária feminina que influenciou, significativamente, a época vitoriana, já que elas trouxeram à baila personagens ficcionais, com os mesmos dilemas das mulheres do século XIX.

Vale salientar que essa escrita literária feminina não foi facilmente aceita. Um exemplo disso é o fato de que, para terem seus escritos publicados, muitas adotavam pseudônimos masculinos. Mary Ann Evans é um exemplo emblemático desta situação, pois ela consolidou sua carreira de escritora sob o disfarce do nome George Eliot, bastante conhecido entre nós.

A literatura de autoria feminina nasceu da relação entre as mulheres e a sociedade, pois, através da prosa e poesia, elas expressavam suas experiências enquanto mulheres, ou seja, a visão que tinham acerca da condição de ser mulher na sociedade vitoriana. Além disso, retratavam as relações entre mulher e homem e os conflitos e preconceitos inerentes a tais relações (SHOWALTER, 1999).

Showalter (1999) ainda acrescenta que, de Jane Austen a George Eliot, a escrita feminina quebrou paradigmas e abriu o caminho para uma literatura de autoria feminina com características realistas, pois abordavam a exploração da mulher e os valores da mulher na família e na comunidade. Isso, mais tarde, deu o início ao feminismo - uma confrontação com a sociedade vitoriana masculina que trazia estereótipos sexuais contra a mulher.

Alguns romances traziam a situação da mulher, da infância até a idade adulta, a exemplo de *Jane Eyre* e *The Mill On The Floss* que analisaremos a seguir. Esses romances, que apresentam o percurso das protagonistas da infância à idade adulta, são chamados de romances de formação, ou no alemão *Bildungsroman*. É por este viés, ou seja, pela estrutura narrativa dos romances em questão, que propomos uma análise literária comparatista.

4 Entendendo o *Bildungsroman*

Como nosso foco analítico concerne à ideia da maturação e crescimento das protagonistas de *Jane Eyre* e *The Mill on The Floss*, faz-se necessário apresentar uma definição de *Bildungsroman*, aspecto que caracteriza a estrutura narrativa dos romances. Assim sendo, citamos:

His [Goethe's] definition includes the idea of reciprocal growth or change in which the individual and his environment are engaged in a process of mutual transformation, each shaping the other until the individual has reached the

point where he or she experiences a sense of harmony with the environment. Because Goethe places the individual rather than society at the center of the Bildungsprozess [...] we may conveniently use this definition in evaluating Bildungsroman of our time (GOHLMAN 1990, apud SVENSSON, 2009, p. 3)¹.

De acordo com Buckley (1974, apud SVENSSON, 2009), um romance é considerado *Bildungsroman* quando o livro inicia com o protagonista ainda criança e termina com ele (a) na fase adulta. Geralmente, tal personagem é oriundo do interior ou de uma cidade pequena e vai se engajar em uma viagem rumo ao seu crescimento pessoal. Assim, os romances de formação descrevem a maturação psicológica e espiritual dos (as) protagonistas desse tipo de narrativa, através das mudanças e experiências que os (as) acompanham da infância até a idade adulta. Portanto, a importância desse conceito não está ligada somente ao desenvolvimento do (a) protagonista, mas também a uma busca de identidade que o (a) leva a ter um equilíbrio consigo mesmo e a estar em harmonia com o mundo.

Além disso, o amadurecimento do ser humano parte da maneira em que ele interpreta o mundo e a si mesmo. De acordo com Boes (2006), o conceito de *bildungsroman*, por focar também no crescimento psicológico do personagem principal, permite ao leitor ver como o personagem consegue resolver seus conflitos internos através de questionamentos pessoais. Para isso, esse conceito requer do leitor um ‘mergulho profundo’ na obra para compreendê-la como se estivesse na cabeça do narrador no intuito de acompanhar a evolução do personagem a partir da sucessão coerente dos acontecimentos na vida dele. Como efeito da maturação, o personagem se descobre identificando-se como um sujeito diferente das pessoas da sociedade na qual vive e pode tomar a iniciativa de se aceitar tal como ele é ou de mudar para se enquadrar ao padrão da sociedade, contudo ele deve encontrar um equilíbrio entre os seus dois mundos: o interior e exterior.

Diante dessas considerações, analisaremos como as protagonistas Jane Eyre e Maggie Tulliver crescem e amadurecem, lutando contra as normas sociais que as oprimem ao longo de seus percursos, nos respectivos contextos em que estão inseridas.

¹ Sua definição (Goethe) inclui a ideia do crescimento recíproco ou mudança na qual o indivíduo e seu ambiente, estão engajados em um processo de transformação mútua, cada um modelando o outro, até que ele ou ela experiencie uma harmonia com o ambiente. Como Goethe coloca o indivíduo e não a sociedade no centro do *Bildungsprozess* (processo formativo) [...] essa definição é conveniente para avaliar o *Bildungsroman* (romance de formação) do nosso tempo (GOHLMAN 1990, apud SVENSSON, 2009, p. 3, tradução nossa).

5 Comparando e contrastando duas heroínas vitorianas: Jane Eyre versus Maggie Tulliver

Como o trabalho proposto insere-se no ramo da Literatura Comparada, algumas considerações sobre esta abordagem de análise literária precisam ser feitas. Por exemplo, a comparação nos estudos literários pode ser utilizada para indicar afinidade entre obras de autores distintos, e, às vezes, entre textos de culturas bem diferentes. Nesse sentido, é em torno da afinidade entre textos de autoras diferentes que esta análise comparatista se estabelece. Nessa direção, Aldridge (2011, p. 247) assevera que, “a afinidade consiste nas semelhanças de estilo, estrutura, tom ou ideia entre duas obras que não possuem qualquer outro vínculo”.

Levando em consideração a citação acima, justificamos a possibilidade de cotejar *Jane Eyre* e *The Mill on the Floss*, através de, pelo menos, três afinidades entre os romances. Primeiro, ambos são de autoria feminina do período vitoriano. Segundo, a estrutura narrativa segue o padrão do *Bildungsroman* ou romance de formação. E terceiro, temos protagonistas femininas e seus crescimentos que são evidenciados ao longo das narrativas.

Vale ressaltar, ainda, que os estudos literários comparados também se ocupam em destacar as divergências entre obras literárias confrontadas, o que é bastante recorrente. Assim, partimos das semelhanças que unem as narrativas de Charlotte Brontë e George Eliot para, também, destacar as diferenças.

Um aspecto em comum entre Maggie Tulliver e Jane Eyre, personagens analisadas neste artigo, concerne à opressão sofrida pelas protagonistas dentro do próprio contexto familiar. Por exemplo, a mãe de Maggie não gosta da aparência da filha que tem um cabelo preto e duro, além da pele de cor parda. A mãe tece comentários, dizendo que a filha não é tão bonita como a prima.

Bessie would have preferred pretty, docile child, such as her sister Lucy Dean, to this turbulent little girl who read every book in the house and, to her mother's shame (...) sharp remarks to various visiting uncles and aunts (ELIOT, 1994, p.160).²

² Bessie teria preferido uma criança bonita e dócil, como sua irmã Lucy Dean, ao invés dessa garotinha agitada que leu todos os livros da casa e, para vergonha da mãe (...) é motivo das observações afiadas de vários tios e tias que os visitam (ELIOT, 1994, p.160, tradução nossa).

A relação familiar de Jane Eyre também se mostra complexa, principalmente, pelo fato de ela ser uma órfã. Enquanto criança, ela mora com a tia, a senhora Reeds. Na casa da tia, ela se sente sozinha e desprovida de amor, além de sempre estar sob as ameaças e reclamações da tia e dos primos. Eles a lembram que o lugar dela não é na casa deles, pois ela mora de favor.

All John Reed's violent tyrannies, all his sisters' proud indifference, all his mother's aversion, all the servants' partiality(...) Why was I always suffering, always browbeaten, always accused, forever condemned? Why could I never please? Why was it useless to try to win any one's favour? (BRONTË, 1999, p.16)³

É essa falta de amor em um seio pseudofamiliar que faz com que Jane busque constantemente o amor durante o percurso de sua mobilidade ao longo da narrativa.

Outra característica semelhante às duas protagonistas aqui cotejadas consiste no fato de ambas serem desobedientes. Maggie responde à mãe, dizendo que não gosta de cuidar da aparência e nem das atividades reservadas às meninas, tais como costurar, cantar, tocar piano. Indo de encontro aos padrões do século XIX, ela prefere sair para explorar a natureza e o mundo, ler livros.

Assim como Maggie, Jane também revida as ofensas e insultos. Após uma briga com o primo John Reeds, na sua fala, ela o compara ao império Romano, ressaltando a crueldade dele. Depois desse episódio, temos uma cena bastante emblemática da narrativa: a senhora Reeds se revolta contra Jane e a tranca em um quarto chamado de *Red Room*, um quarto escuro e mal assombrado onde o medo toma conta da Jane criança.

Sabendo que o crescimento pessoal é um processo contínuo, esse quarto, que serve como lugar de castigo para Jane, funciona como um deserto no qual ela se encontra para avaliar o quanto é forte. Além disso, o espaço também representa um lugar fechado e opressor para o feminino, tão recorrente na literatura vitoriana. Ao sair desse lugar, Jane se mostra vitoriosa. Além de ter superado o medo, ela está mais madura, pronta para iniciar a sua jornada rumo ao autoconhecimento e crescimento pessoal.

Gateshead, Lowood School, Thornfield, Moor House e Ferndean, nesta sequência, são os lugares pelos quais Jane perpassa, da infância à fase adulta, na busca de seu

³ Todas as tiranias violentas de John Reed, a indiferença das irmãs, a aversão da sua mãe, a parcialidade dos empregados, (...) Por que eu estava sempre sofrendo, sempre receosa, sempre acusada, sempre condenada? Por que eu nunca agrado? Por que era inútil tentar ganhar um favor de alguém. (BRONTË, 1999, p.16, tradução nossa).

amadurecimento. Cada um representa um desafio a ser superado pela protagonista durante o seu processo de crescimento. Todos os lugares evidenciam imagens de uma sociedade patriarcal na qual Jane é chamada a viver e lutar contra suas normas para triunfar. Em cada momento da narrativa, há uma figura masculina simbolizando a força opressora sobre o feminino.

O exemplo mais emblemático da opressão exercida pelo patriarcado é Mr. Brocklehurst, diretor do Instituto Lowood. Apesar dessa força contra Jane, é nesse ambiente que vemos o desenvolvimento da protagonista. Além do crescimento profissional e educacional que Jane adquire na escola, há o conhecimento religioso trazido por Helen Burns, melhor amiga de Jane e personagem importante na vida da protagonista. Helen simboliza a tolerância pregada pelo cristianismo que contrasta com a arrogância de Mr. Brocklehurst.

Semelhante à Jane Eyre, Maggie Tulliver também recebe uma educação baseada nos valores patriarcais. Ela é educada em casa e é apresentada como a mais inteligente da família por ser muito imaginativa e também por saber ler. O pai ainda comenta que gostaria que o irmão dela, Tom, tivesse o mesmo interesse e aptidões para os estudos. Vale ressaltar que nesse aspecto, a protagonista de *The Mill on the Floss* não recebe apoio das personagens femininas do romance, nem mesmo de sua mãe.

Em *Jane Eyre*, apesar de a protagonista ser órfã de pai e mãe, ao longo da narrativa ela se depara com personagens femininas que serão essenciais na sua formação e crescimento, a saber: a senhorita Temple, Bessie, a senhora Fairfax, e até mesmo Helen Burns. Todas elas desempenhando, de algum modo, o papel de mãe para Jane, proporcionando-lhe carinho e atenção. Maggie, por outro lado, não pode contar com figuras femininas para apoiá-la.

Além disso, percebemos que Jane, como Maggie, mantém suas atitudes de rebeldia e subversão de valores patriarcais no percurso das narrativas. Um exemplo disso é quando Maggie decide cortar o próprio cabelo depois de tantas reclamações por parte da mãe e das tias. É como se ela decidisse demonstrar que, a aparência não é o mais importante, mas sim as qualidades que temos. Ela queria que a família gostasse dela pelo que ela é, e não tentar transformá-la em outra pessoa que ela não queria ser. A rebeldia é também um traço característico em Jane Eyre, que a acompanha desde a infância, quando morava com a tia, e depois no relacionamento com o senhor Brocklehurst, diretor do instituto Lowood.

Embora as duas protagonistas sejam, aparentemente, tranquilas, por dentro se sentem perturbadas. Maggie Tulliver, por exemplo, não consegue expressar livremente os seus

sentimentos e nem recebe amor daqueles que a rodeia. Depois de ter brigado com o irmão, torna-se emocionalmente instável, renuncia ao amor que sente por Philip Wakem para agradar o Tom e também desiste da proposta de fuga amorosa com Stephen Guest, para ir em busca da reconciliação com o irmão, Tom. Esse desequilíbrio entre o mundo externo e interno de Maggie, causado principalmente pela falta do amor recíproco do irmão, permeia todos os capítulos do romance. Um mal-estar que desemboca no rio, elemento trágico da narrativa.

Diferente do romance *Jane Eyre* que ressalta o nome da protagonista no título, em *The Mill on the Floss*, a presença da protagonista relaciona-se ao moinho, propriedade da família Tulliver e que ocasionará o esfacelamento do núcleo familiar, influenciando no amadurecimento de Maggie. O rio *Floss*, ao mesmo tempo em que simboliza o percurso do crescimento da protagonista, representa o fim trágico da mesma, causando a sua morte. Neste aspecto, o desfecho de Jane e Maggie diverge.

Ainda sobre *The Mill on the Floss*, vale ressaltar que a desproporcionalidade interna e externa da vida de Maggie aumenta quando ela se envolve com Stephen, noivo de sua prima Lucy, tornando-se uma *fallen woman*, manchando sua reputação enquanto mulher, o que compromete seu crescimento positivo como o de Jane Eyre. O conceito de *fallen woman*, utilizado por George Eliot, foi uma definição surgida no período vitoriano, que indicava algum elemento que impedia o desenvolvimento de determinado protagonista em uma obra literária.

Ao final de *Jane Eyre*, a protagonista se mostra uma mulher mais madura, autoconfiante e independente. Ela demonstra um controle sobre a instabilidade existente em seu mundo e o de Rochester. Supera todos os desafios ao longo seu percurso e, finalmente, casa-se com o amor de sua vida. O casamento apenas se concretiza com a aquisição de autonomia financeira que equipara Jane a Rochester no nível econômico: “*I am na independente woman now*”. Independent! What do you mean, Jane? My uncle in Madeira is dead, and he left me five thousand pounds” (BRONTË, 1999, p. 478)⁴. Diante disso, pode-se dizer que a independência e autonomia financeira de Jane Eyre simboliza o ápice do desenvolvimento da personagem no desfecho da narrativa.

Contrariamente à Jane, o desfecho de Maggie Tulliver é extremamente trágico. A morte de Maggie pode ser entendida como a dificuldade que mulher tem para se evidenciar

⁴ Agora, eu sou uma mulher independente. Independent! O que quer dizer, Jane? Meu tio de Madeira está morto, e ele me deixou £ 5.000 (BRONTË, 1999, p. 478, tradução nossa).

dentro de uma sociedade conservadora e preconceituosa, ou ainda, como punição por tentar subverter a ordem patriarcal.

6 Considerações finais

Conforme apresentado neste trabalho, podemos dizer que Charlotte Brontë e George Eliot discutem, através das suas obras, a questão da mulher, uma das temáticas mais contundentes da era vitoriana. Portanto, Jane Eyre e Maggie Tulliver representam a voz feminina que supera as dificuldades inerentes ao conservadorismo do patriarcalismo.

Para acrescentar, as duas protagonistas em questão, da infância à fase adulta, se deparam com situações difíceis que propiciam o crescimento e amadurecimento de ambas. Tanto Jane quanto Maggie vão à procura da felicidade sem medo do mundo e, nem mesmo, de expressar o seu ponto de vista quando necessário. De certo modo, elas subvertem a ordem do patriarcado, na tentativa de concretização da felicidade.

Embora as protagonistas não representem um feminismo radical, elas ajudam a tematizar as vidas das mulheres na sociedade vitoriana de um modo geral. A era vitoriana restringia as mulheres, considerando-as fracas emocionalmente ou que não tivessem sentimentos para expressar. Entretanto, a paixão de Jane por Rochester e o amor incondicional de Maggie por Tom as fazem sair desse mundo que aprisiona as mulheres.

Jane tem mais controle nas suas escolhas, do que Maggie, demonstrando que as mulheres precisam ter o livre arbítrio, pois, podem tomar decisões sensatas de acordo com a vontade própria. Elas não precisam de pessoas para cuidá-las, porque estão intelectualmente no mesmo nível que os homens. Vemos isso quando Jane demonstra a sua rica inteligência nas suas conversas com Rochester.

Ademais, as obras analisadas apresentam várias outras críticas, além da desigualdade de gênero na sociedade. Ambas criticam o casamento como ascensão social. Jane apenas casa-se com Rochester depois de se tornar autônoma financeiramente. Ela também critica a união sem sentimentos recíprocos quando rejeita o casamento com St. John. Nesse mesmo sentido, Maggie ao permanecer fiel aos sentimentos para com Tom, apresenta um amor puro e sincero. De uma forma ou de outra, Jane e Maggie, já na fase adulta, demonstram o amadurecimento pessoal, fruto de um longo processo de busca de desenvolvimento.

Em suma, apesar de apresentarem novas dimensões e diferentes estilos de vida que as mulheres podem adotar, Jane e Maggie são protagonistas que se desenvolvem ao longo das histórias, atravessando etapas difíceis para mostrar que não há barreiras que impeçam mulheres de agir conforme seus desejos. Elas representam o fim da era da mulher explorada, submissa, ignorante, dependente, aprisionada etc. Representam o novo começo da mulher que luta para crescer e amadurecer em um contexto de uma sociedade patriarcal, como a vitoriana e inglesa do século XIX.

Referências

ABRAMS, M. H. et al. (ed.). *The Norton Anthology of English Literature*. V. 1-2. 6. ed. New York: W. W. Norton & Company Inc., 1993.

ALDRIDGE, A. O. “Propósito e Perspectivas da Literatura Comparada”. Trad. Sonia Torres in: COUTINHO, E.F. & CARVALHAL, T. F (orgs). *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BOES, T. *Modernist Studies and the Bildungsroman: A Historical Survey of Critical Trends*. © Blackwell Literature Compass, Yale University, 2006.

BRONTË C. *Jane Eyre*. ed. Wordsworth Classics, 1999.

DIGBY, Anne. *Victorian Values and Women in Public and Private*. *Victorian Values*: PBA, 78. Ed. T. C. Smout. Oxford: Oxford UP, 1992, p. 195-215. Disponível em <<http://www.britac.ac.uk/pubs/proc/files/78p195.pdf>> acessado julho de 2016.

ELIOT, G. *The Mill on The Floss*. ed. Penguin Popular Classic, 1994.

KOLLE, T. C. *Woman's struggle for autonomy: A reading of Jane Eyre, Wuthering Heights and The Mill on the Floss*. The Department of Literature, Area Studies and European Languages. University of Oslo. November, 2011.

MARIZIG, F. *The status of women in the nineteenth century women Victorian England: case study: Charlotte Bronte's Jane Eyre*. Kasdi Merbah Ouargla University, 2013.

MAYNARD, J. R. The Bildungsroman. In: BRANTLINGER P. & Thesing W. B. *A Companion to the Victorian Novel*. Blackwell companion to literature and culture .2002. p. 279-301.

ROSA, J. G. *Era vitoriana: Vozes de e em Jane Eyre*. Disponível em: <http://ri.uepg.br:8080/monografias/bitstream/handle/123456789/49/Julia%20Graziela%20Rosa.pdf?sequence=1> Acesso em: setembro 23 de 2014.

SHOWALTER, E. *A literature of their own. British women novelists from Brontë to Lesing*. Princeton university press, Princeton new Jersey, 1999.

SVENSSON, K. *Old Traits and New Fiction: The Role of the Bildungsroman in Contemporary Fiction, A Comparison Based on Hanif Kureishi's The Buddha of Suburbia and Charles Dickens' Great Expectation*. Lund University, Spring, 2009.

Recebido em: 30/04/2016

Aceito em: 30/06/2016